

“O SETOR TEM MUITO QUE APRENDER EM MATÉRIA DE CONCILIAÇÃO E PARENTALIDADE”

Existem vantagens em ser mulher no mundo da advocacia?

Não há que colocar os homens e as mulheres em pontas opostas, nem faz sentido colocar o tema no plano das vantagens e desvantagens, até porque as mulheres e os homens não são iguais e podem ter *skill set* diferentes. Mas é precisamente isso que aconselha estruturas multigénero. Homens e mulheres são complementares. Os escritórios terão sempre mais a ganhar em trabalhar com equipas diferenciadas, que representem pontos de vistas diferentes e que possam enriquecer o processo de tomada de decisão interna, o nível de serviço e a relação com os clientes. Os nossos colegas de outras geografias já chegaram a esta conclusão, mas, enquanto os escritórios portugueses não assumirem isto, estarão a desperdiçar recursos preciosos que, ainda para mais, já dispõem na instituição.

A igualdade de género no exercício da advocacia ainda tem um longo caminho a percorrer?

Sem dúvida. Mais até do que na vivência diária da função, onde as diferenças de género são mais esbatidas, o setor tem muito que aprender em matéria de conciliação e parentalidade. O facto de não existirem regras, e de não se cumprirem as poucas que existem, resulta num frequente atropelo dos direitos das famílias, e não apenas das mães, em matéria de conciliação e parentalidade. Alguns escritórios, como a Sérvulo, são ótimos exemplos de como é possível conciliar excelentes padrões de serviço com uma vida familiar saudável, mas fazem-no por iniciativa própria e são uma exceção. Não é razoável que, num Estado social de direito, se deixe na discricionariedade de cada escritório de advogados a possibilidade de atribuir licenças de parentalidade pagas ou que se permita dispensar colaboradoras grávidas impunemente. As regras do Código de Trabalho deveriam, nesta matéria, aplicar-se também aos advogados e o CPAS deveria assumir aqui um papel similar à Segurança Social, assegurando que as famílias são protegidas.

Que conselho/mensagem deixa a futuras advogadas?

Não acho que saiba já o suficiente para dar conselhos a ninguém, mas, se tivesse de me aconselhar no arranque da minha carreira, dir-me-ia para



Inês Palma Ramalho

Associada sénior da Sérvulo & Associados

nunca perder de vista as minhas prioridades e para nunca assumir que o género me define. Daria o primeiro conselho porque, se tivermos as nossas prioridades bem definidas, tudo o resto é secundário. O segundo porque ser mulher não é um qualificativo, nem um pressuposto de qualidade. Interessa trabalharmos, diariamente, para nos superarmos. No final do dia, o cliente procura um profissional competente. E a competência não tem género.